

## Encontro Gaúcho de Assistentes Sociais do RS, 12 e 13 de maio de 2017.

É tempo de reunião, de encontros, de reflexões, de revisões das memórias para compreendermos a crise política que vivemos e em especial para projetarmos o que queremos viver, enquanto projeto de Brasil.

Lá das memórias, nós em maioria trabalhadorAs do Serviço Social precisamos revisitar a história para relembrar que a marca da questão social pelo Estado brasileiro, até inícios do século XX, foi a marca da polícia, da violência física contra os corpos dos pobres.

Uma herança, dos quatro séculos de escravidão, com seu nefasto pelourinho e seu Flago, o chicote com cinco pontas, que originou a palavra e a dor do flagelo daqueles que perdiam o couro, a carne, por desobedecerem, fugirem ou simplesmente sonharem com a liberdade e com a condição de serem gente.

O Serviço Social, que nasce no Brasil, por volta da década de 1940 é parte dos auspícios de Getúlio Vargas, que quer modernizar, urbanizar, industrializar o país, de modo positivista, temendo os comunistas e a tudo irá tentar enquadrar na ordem e no progresso da classe dominante, que teme o povo.

Desse tempo, precisamos desaprender que os direitos não nasceram em 1930 com este estadista, os direitos trabalhistas, nasceram de lutas profundas, pesadas, sangrentas, feitas por diferentes categorias, por homens e mulheres difusos em diversos grupos políticos, fragmentados em diferentes correntes de pensamentos, e que o Estado sob pressão incorpora-os e comunica-os aos trabalhadores como dádiva, mas assim o faz, por conta da luta de classes.

Assim o Estado ensinou a seleção, dos cidadãos quem tem direitos e dos pré-cidadãos, os que não tem, mas devem aprender a sonhar que um dia terão, se souberem esperar chegar a sua vez.

Quase todo o século XX, só foram detentores de direitos aqueles que tinham carteira de trabalho assinada, cuja profissão era reconhecida pelo Estado, uma pequena parte dos mais de 80% da população situada abaixo da linha da pobreza, mas para quem a promessa de acesso a direitos era uma promessa utópica capaz de disputar corações e mentes.

Uma promessa que atravessa a ditadura, o AI5 e entra anos 1980 a dentro, até forjar a Constituição de 1988 que finalmente inaugura depois de cinco séculos a ideia de que somos formalmente todos iguais. Apenas formalmente, mas até isso é importante, para quem nem isso tinha.

É nesse contraditório berço dos direitos onde nasce e é embalada esta profissão, este trabalho, do qual vocês ganham o pão de cada dia. É uma profissão ligada ao papel do Estado, que faz sentido com um Estado que media o conflito, a tensão entre o capital e o trabalho, é uma profissão permeada de contradições, como se caminhasse sobre o fio de uma navalha.

A navalha do capital quer a contenção dos pobres, mal suporta políticas que os tratem como beneficiários, consumidores de uma cesta fragmentada de itens que não os insira jamais no mundo da política.

Já a navalha pelo lado do trabalho, vê nesta profissão um instrumento de trabalho de libertação humana, onde o acesso aos direitos, não é benefício, onde o sujeito é sujeito e não usuário. Sujeitos que tem palavra, que tem história, capacidades, potencialidades e que precisam ser respeitados em sua cidadania, em suas visões de mundo.

Quanto o outro é sujeito, eu também sou, quando o outro tem história, eu também tenho, esse é um pressuposto da alteridade, o encontro pleno do Eu com o Outro, esse é o encontro desejado entre as profissionais do Serviço Social e as trabalhadoras e os trabalhadores mais explorados da classe que vive do trabalho.

Um encontro de gênero também.

Um encontro de mulheres, atentas e buscando outras mulheres, facilmente pode se desqualificar essa profissão, como de assistencialistas, maternais, atribuições femininas desqualificadas por serem codificadas como coisas da esfera da vida cotidiana das mulheres.

O sexismo cultural privilegia valores masculinos de força, virilidade como a concorrência, a competição e os pobres, nessa perspectiva são indisciplinados competidores que por sua vez, só poderiam ser vistos e cuidados por mulheres dóceis e acolhedoras.

Só nesse aspecto há batalhas de ideias, de visões de mundo gigantescas a serem enfrentadas todos os dias, as mulheres que cuidam de mulheres, são trabalhadoras, cuidar deveria ser a regra número um da vida em sociedade de todos os seres humanos, pelo simples fato de que a vida de cada ser é única.

Cada um de nós é único e merece o sol, o ar, o dia, a noite, o sereno da manhã, o café, o feijão, o amor, o livro, o cinema e isso não é romantismo isto é humanismo e sim isto não é capitalismo porque o capitalismo já não tem mais nada a nos oferecer a não ser um passeio vazio no shopping center, ou então nos propõe que sejamos

máquinas agressivas de sucesso, com dinheiro e coisas, bem maquiadas por fora e adoecidas até a alma com este mundo.

Sim, estamos falando de trabalhar todos os dias de nossa vida, na construção de uma outra rationalidade, de uma outra sociedade, de uma outra cultura, com outras esferas públicas, um outro cotidiano, sob outros códigos que não a competição, que não a destruição da vida humana e da natureza.

Estamos falando da construção de um projeto de País, nem colônia, nem dependência, nem subordinação ao império de plantão. Porem construir um projeto de nação, significa descolonizar nossa própria memória, as ideias do que seja o bom, a boa vida, como uma coleção gigantesca de coisas materiais apenas, descolonizar nosso tempo, todo tomado, confiscado de nós mesmas, estamos sedentas por tempo, tempo para pensar, entender as coisas da vida, tempo para respirar.

Mulheres que cuidam mulheres, cuidar é o oposto de descuido e descaso, cuidar é mais do que um ato, é uma atitude, uma ocupação, preocupação, responsabilidade, envolvimento com o outro, o cuidado é intrínseco ao ser humano, desde nosso nascimento em nossa imensa incompletude, se não formos acolhidos e cuidados, nós simplesmente não temos como sobreviver.

Não tenhamos medo, nem vergonha dessa palavra, não tenhamos medo e nem vergonha de nossa humanidade e de nossa profissão humanizante apesar desta civilização racional capitalista deste mercado agonizante, solitário que desqualifica o cuidado, porque o teme, teme seu potencial inspirador de um novo paradigma de sociedade, um novo projeto de habitat comum na terra.

Não tenhamos medo da crise, de suas sombras, dos tentáculos do golpe, das derrotas que estamos sofrendo, sim o sistema do capital em sua agonia crítica lança todas as suas armas contra todas nós. Por isso é tempo de reunião, é tempo de ouvir e falar, é tempo de avaliar e refazer, nesta contradição imensa, nesta crise imensa, abrem-se janelas históricas, para os povos se reerguerem, se recriarem, assumindo sua história, pegando-a em suas mãos.

Peguemo-nos nas mãos, umas das outras e da nossa classe, a classe trabalhadora, para sentir e viver o tamanho da sua força.